

## ÉTICA – PORQUÊ A ÉTICA?



*"Aquele que vive eticamente encontra sempre uma saída, mesmo quando tudo lhe é adverso".<sup>1</sup>*

SÖREN KIERKEGAARD

*Desidério Manuel Vilas Leitão (\*)*

*Tenente Coronel de Infantaria*

### Resumo

A visão teleológica da ética é uma forma extremamente interessante e gratificante de reflectir sobre o conjunto de padrões de comportamentos em que devemos alicerçar a expressão das nossas atitudes.

O mundo reclama de forma muda a necessidade de uma reabilitação do *ethos*, dos valores morais de base que sustentam as atitudes humanas; precisamos da *Ética*, de teorias filosóficas ou teológicas sobre os valores, normas e princípios que devem orientar as nossos comportamentos e decisões.

Quando nos questionamos por que razão não praticar o mal, ou nos antípodas, por que razão praticar o bem! Não o fazemos de ânimo leve. A essa reflexão estão associados muitos daqueles que nos rodeiam e que menos se esforçam, parecem ser aqueles a quem o sucesso protege.

Não é por acaso que nos atrevemos a reclamar que, como corolário, no futuro, sem uma ética das convicções, a ética da responsabilidade degeneraria numa ética do êxito sem convicções, à qual todos os meios servem para atingir os seus fins. Sem uma ética da responsabilidade, a ética das convicções degeneraria num culto altivo da personalidade, à qual não nos associamos.

---

(\*) Docente na Academia Militar da disciplina de Ética e Liderança. Membro efectivo do CINAMIL – Centro de Investigação da Academia Militar.

<sup>1</sup> KIERKEGAARD, SÖREN (1813 - 1855), in MARINOFF, Lou, 2003. Mais Platão, Menos Prozac. Editorial Proença, Lisboa.

## 1. UMA SINOPSE CONCEPTUAL

Para além do conhecimento que manifestamos, muitos são os documentos escritos sobre o “carácter ideal” e a “vida moral”, com múltiplas e diversificadas interpretações, desde Buda a Maquiavel, lendo Platão e S. Tomás, de Jesus a Nietzsche, passando pela escolas socrática e aristotélica.

O termo ética deriva do grego *ethiké* (*epistémé*), que designa a “ciência relativa aos costumes”. O estudo da Ética integra-se no domínio da filosofia, na medida em que a sua finalidade é a vida humana e os meios de a alcançar, tendo por objecto o juízo de apreciação com vista à distinção entre o bem e o mal. Trata-se, portanto, dum aspecto de filosofia, a filosofia do (ou da) moral, ou simplesmente *Moral* (de *mos*, *moris*) entre os latinos – ou Ética (de *ethos*), entre os gregos, ambas com o mesmo significado: costume. São, portanto, acções livres pautadas pelo dever, porquanto para terem o verdadeiro significado de costume terão que ser reflectidas e libertas de coacção, daí o serem voluntárias. Essa a razão porque muitas vezes vemos chamar-se-lhe “ciência dos costumes”, “ciência da virtude”, “ciência do dever”, “ciência do bem”, “da felicidade”, “do governo da vida”, etc., como vários tratadistas a baptizam <sup>2</sup>.

Podemos ainda entendê-la como a ciência que estuda as leis ideais da verdade moral, fixa as regras adequadas à direcção e governo da vida, e procura definir, na prática, os deveres aplicáveis às diversas situações da vida e da profissão de harmonia com as várias circunstâncias supervenientes <sup>3</sup>.

Quanto mais viajamos pelo mundo, qualquer que seja a nossa situação, ricos ou pobres, crentes ou ateus, qualquer que seja a nossa raça ou género, o que procuramos é ser felizes e evitar o sofrimento. A questão com a qual todos somos confrontados é como alcançar a felicidade? <sup>4</sup>

Não deixamos contudo de referir que felicidade é uma qualidade relativa. Experimentamo-la de maneira diferente em função das circunstâncias. O que traz bem-estar a uma pessoa pode fazer sofrer outra. Todos nós, em geral, nos sentiríamos muito infelizes se fôssemos condenados a prisão perpétua. Mas um criminoso passível de pena de morte ficaria provavelmente muito feliz por ver a sua pena comutada em prisão perpétua.

---

<sup>2</sup> PACHOA, Maj. Armando, *Ética Militar*, Edições Arpa, 2º edição, Biblioteca da Academia Militar, Lisboa.

<sup>3</sup> CUPERTINO, Joaquim Luís. 1985. *Deontologia Militar*. Serviços Gráficos da Academia. Lisboa.

<sup>4</sup> LAMA, Dalai. 2000. *Ethics for the New Millennium*. Tradução Editorial Presença. Lisboa

A paz interior é a principal característica da felicidade, os pensamentos negativos e as emoções negativas minam as fontes de paz e de felicidade. Daí podermos afirmar que é ilógico procurar fazer coexistir a felicidade e a cólera se nada fizermos para refrear pensamentos e emoções negativas, como rancor e maldade. A felicidade nasce de causas virtuosas. Se desejamos ser verdadeiramente felizes, não há outro caminho a percorrer que o da virtude: é o método pela qual a felicidade é alcançada. E, podemos acrescentar, a base da virtude, o seu fundamento, é a disciplina ética. Na certeza de que, quando falamos de ética, é algo que podemos adoptar voluntariamente, baseando-nos no reconhecimento dos seus benefícios. Por outras palavras, ter um comportamento ético implica mais do que simplesmente observar leis e princípios.

Para vivermos em felicidade, poderemos inferir que um acto ético é aquele que não prejudica a experiência ou a expectativa de felicidade que os outros têm. Contudo, queremos fazer uma importante distinção entre um comportamento ético e um comportamento espiritual. O comportamento espiritual descrevemo-lo na sequência das qualidades como, amor, compaixão, perdão, paciência, humildade, tolerância, que os filósofos trataram durante séculos, e que pressupõem um certo grau de interesse pelo bem-estar alheio.

É assim possível constatar-mos que, o conceito de ética reúne em seu redor, uma actuação comportamental, “ciência do comportamento moral dos homens em sociedade”<sup>5</sup>.

## 2. A ÉTICA - PARA QUÊ?

A resposta deveria ser evidente: os acontecimentos catastróficos ao nível político, militar, económico, social, cultural e ecológico – do recente século passado e já nos alvares do século XXI – inscrevem a materialização de uma *ética mundial*, pelo menos face aos *exemplos negativos*, para a sobrevivência da humanidade sobre a Terra. Diagnósticos de decadência tão pouco contribuem para melhorarmos a situação. Por outro lado, a adopção de uma tecnologia social pragmática sem valores de referência e de tendência pró-ocidental ou pró-leste também não seria de grande utilidade. Contudo, sem normas éticas vinculativas, sem padrões ou modelos globais de referência, os Estados (e os Estados-Nação) correm o risco, devido a uma acumulação de problemas ao longo dos tempos, de rumar em direcção a uma crise – que, em última circunstância, poderá fazê-los sucumbir

---

<sup>5</sup> VALQUES, Sanchez. 1997. *Ética*. 17ª Edição. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro.

ao nível nacional, ou seja, à ruína económica, à desconstrução (desestruturação) social, à ruptura ecológica e ao caos político.

A vida e os bens materiais apresentam-se como objecto de primordial apreço, orientadores da reflexão axiológica. Independentemente do usufruto ou não de prazer, existir é um bem; haja ou não sofrimento, é um mal deixar de existir. A vida, por si mesma, seja, é um bem; a morte é um mal. Assim mesmo, não há guerra sem destruição material, sem lesão do acervo cultural, sem diminuição de valores morais. Não é de estranhar, pois, que um fenómeno, que sacode sentimentos e instintos de forma tão radical e absoluta, provoque grande reflexão moral, normalmente concluída em julgamento de repúdio.

O mundo reclama de forma muda a necessidade de uma reabilitação do *ethos*, dos valores morais de base que sustentam as atitudes humanas; precisamos da *Ética*, de teorias filosóficas ou teológicas sobre os valores, normas e princípios que devem orientar as nossas decisões e comportamentos. A situação de crise que nos envolve e que sistematicamente repudiamos, mas há muito identificada como perniciosa para o devir, deve ser percebida como uma oportunidade, para a qual urge encontrar uma terapêutica, a crer nos diagnósticos que cortam transversalmente o planeta, para os desafios do presente. Todavia, lamentarmos com recurso a causas negativas, não parece ser a solução aconselhável, a não ser que a *Ética* pretenda configurar uma técnica de “reparação” de causas e consequências, ora consideradas nefastas para a comunidade. A atitude tem, forçosamente, de ser outra, o esforço requerido é o de uma resposta positiva à questão do *ethos* mundial.

Mas será que as Universidades podem ensinar ética? Quando deixámos implícito que a integridade é um factor inerente ao carácter da pessoa, estávamos a afirmar que, de facto, o papel da Universidade é providenciar orientações sobre como fazer escolhas éticas.

E assim sendo, a questão que se nos coloca primeiramente enquadra todo o sistema ético: para que serve realmente a *Ética*? Por que razão temos de agir moralmente?

### 3. PARA ALÉM DO BEM E DO MAL?

O mal e o bem existem lado a lado. É muitas das vezes difícil distinguir um do outro. Por isso, recorre-se a mecanismos instintivos que permitem conviver com o bem e o mal sem que se formem quaisquer juízos. Assim, o mal é exorcizado com a fórmula de uma acusação simples: estabelece-se uma relação causa/efeito como se de uma evidência se tratasse. Ou, em outras situações,

assegura-se que não houve mal e, logo, que não houve culpa. Nega-se o interdito axial: "Não comer da árvore do conhecimento do bem e do mal"<sup>6</sup>.

a. ***Por que não praticar o Mal?***

Por que razão deveria o indivíduo praticar o bem e não o mal? Por que motivo não deveria o Homem situar-se "para além do bem e do mal?"<sup>7</sup>, ou seja, por que não se vincula o homem apenas à "sua vontade de poder", êxito, riqueza, prazer? a que St<sup>o</sup> Agostinho chamou bens exteriores e que catapultam o homem para os maus caminhos, ao invés dos bens interiores, conhecimento, sabedoria, inteligência, fé, prudência...

Algumas das perguntas mais elementares, tornam-se, pela profundidade e exigência do seu saber, as mais difíceis de responder, e hoje, estas questões não se colocam só ao Ocidente; vem-se tornando imperativo perceber e interiorizar os valores e as normas do Outro, nomeadamente do Oriente. Muita coisa costumes, normas, crenças, hábitos – que têm constituído um património de valores indiscutíveis através dos tempos, porque assegurados pela autoridade da religião, não parecem ser presentemente um dado adquirido em qualquer parte do planeta. Perguntas como as que se seguem colocam-se a *qualquer indivíduo*:

- por que razão não devem os homens mentir, enganar, roubar e até mesmo exterminar os seus semelhantes, se daí colherem vantagens e não correrem perigo de denúncia ou objecto de punição por tal comportamento?
- Que sentido faz privar aos cidadãos homossexuais do cumprimento do serviço militar <sup>8</sup>, ou de qualquer outro desempenho na administração, quando a sua orientação vocacional for militar, professor, engenheiro, empregado de serviços... se no exercício da sua actividade resultar isenção e exemplaridade?
- por que motivo devem a classe política, médicos, cientistas, funcionários dos corpos especiais da administração pública...resistir à corrupção, se lhes for garantida discricção por parte do seu corruptor?

<sup>6</sup> PINTASSILGO, Maria de Lurdes. 2004. *Ensaio: Inocência e Responsabilidade*. Visão 578. Lisboa.

<sup>7</sup> KANT, Immanuel. *A Paz Perpétua e Outros Opúsculos*. Textos Filosóficos. Edições 70. Porto.

<sup>8</sup> Nomeadamente agora, quando a última revisão constitucional veio definir a problemática da orientação sexual.

- por que razão devem um empresário, ou por exemplo uma entidade bancária, impor limites à sua avidez de lucro, se a ganância, se a palavra de ordem “enriquecei!” é pública e apregoada aos quatro cantos do mundo?

Todavia, estas questões direccionam-se também para o todo social: por que razão não pode um povo, uma raça, uma seita religiosa...- quando detentora dos recursos de poder – odiar, ferir, delapidar, expulsar e, se for caso disso matar mesmo uma outra minoria, pertencente a outra etnia, raça ou nação? Mas também não temos que colocar as questões apenas sob uma perspectiva negativa.

**b. *Por que razão praticar o Bem?***

Ainda aqui, começamos por colocar as questões, em primeiro lugar *ao indivíduo*:

- porque razão devem os indivíduos ser afáveis, simpáticos, caridosos ou mesmo disponíveis, em vez de irreverentes, agressivos e irascíveis? porque razão devem os jovens renunciar à violência e optar pela via pacífica, ou de não violência?
- por que motivo deve um militar, uma entidade bancária, um empresário, nomeadamente quando não há qualquer tipo de controlo, agir correctamente, ou porque deve um funcionário do sindicato assegurar a defesa do bem comum, mesmo que isso tenha reflexos negativos no desenvolvimento da sua carreira, em vez de defender os interesses da organização?
- por que razão devem o engenheiro (genético,...), o cientista (nuclear...) e as instituições respectivas considerar o ser humano como um sujeito jurídico e moral em si, e não como um objecto de comercialização e industrialização<sup>9</sup>, no âmbito das suas investigações?

Contudo, também neste caso as perguntas se dirigem à *sociedade no seu todo*: por que motivo deve um povo, uma raça, uma seita religiosa manifestar respeito, tolerância e grande consideração relativamente a outros povos, a outras raças e a outras religiões? Que motivos têm os poderosos das nações e religiões deste mundo para se empenharem na defesa da paz, e não da guerra, sejam quais forem as circunstâncias?

Ora bem, então: por que motivo deve o ser humano – enquanto indivíduo isolado, membro de um grupo, de uma nação ou religião – comportar-se de

---

<sup>9</sup> Embrião, ou arma NBQ de marca registada.

forma humana, verdadeiramente humana? E por que motivo deve fazê-lo *incondicionalmente*, isto é, sejam quais forem as circunstâncias? E por que motivo devem, *todos* os homens fazê-lo, sem excluir nenhum extracto, facção ou grupo social? Esta é a questão a que qualquer sistema ético deve responder.

#### 4. UMA CONSIDERAÇÃO FINAL SOBRE A ÉTICA NO FUTURO

Exigir uma responsabilização ao nível local, regional, nacional e global significa, em primeiro lugar, poder exigir precisamente o contrário daquilo que uma mera **ética de êxito**<sup>10</sup> implica; o oposto de uma conduta em que os fins santificam todos os meios e segundo a qual é considerado bom aquilo que funciona, que dá lucro, poder ou prazer. Ora, é precisamente isto que conduz ao libertinismo e ao maquiavelismo. *Uma tal ética pode não ser eficaz em termos futuros.*

Uma simples **ética de convicções** teria ainda menos utilidade em termos de futuro. Orientada por uma ideia-valor<sup>11</sup>, justiça, amor, verdade, considerada mais ou menos isoladamente, consiste sobretudo numa motivação pura das acções humanas, sem se ocupar das consequências de uma decisão ou acção, nem da situação concreta, das suas condicionantes e efeitos. Uma tal ética “absoluta” é perigosamente histórica<sup>12</sup> e pode, em caso de necessidade, servir de justificação para actos de terrorismo, fundamentados em convicções.

Uma **ética de responsabilidade** deveria, pelo contrário, ser útil em termos futuros tal como o sugeriu o grande sociólogo Max Weber no Inverno revolucionário de 1918/19. Depois de Max Weber, a ética não passou a ser “isenta de convicções”, mas sim a interrogar-se sempre, de forma realista, sobre as “consequências” previsíveis das nossas acções e a assumir as responsabilidades daí decorrentes: Deste ponto de vista, a ética da responsabilidade e a ética das convicções não são termos absolutamente opostos, mas sim elementos complementares que devem concorrer para formar o homem autêntico, o homem que pode ter “vocaçã

<sup>10</sup> Verantwortungsethik, Erfolgsethik e Gesinnungsethik no original, traduzido aqui por “Ética de Responsabilidade”, “Ética de Êxito” e “Ética das Convicções”, respectivamente. A tradução tem por base termos já fixados em português em traduções, nomeadamente, das obras de Max Weber. Contudo, a tradução do termo “Gesinnung” não é uma questão pacífica, dado que o campo semântico da palavra em alemão e a sua contextualização em termos filosóficos (Kant, por exemplo) é susceptível de outras traduções para o português além de “convicção”, a saber: “disposição” (moral), “intenção”. Na linguagem comum é susceptível ainda de ter como sinónimos, em português, “sentimentos”; “atitude moral”; “opinião”, entre outros.

<sup>11</sup> Wertidee, no original alemão. Conceito forjado por Max Weber.

<sup>12</sup> Ignora a complexidade das estruturas sociais e das relações de poder existentes.

política. **Sem uma ética das convicções, a ética da responsabilidade degeneraria numa ética do êxito sem convicções**, à qual todos os meios servem para atingir os seus fins. **Sem uma ética da responsabilidade, a ética das convicções degeneraria num culto altivo da personalidade.**

Desde a I Guerra Mundial, o poder e a sabedoria dos homens cresceram de forma incomensurável – com resultados muito perigosos, a longo prazo, para as gerações vindouras, tal como hoje está já manifestamente a suceder no domínio da energia nuclear e da engenharia genética, que não é só perigo. No final dos anos 70, o filósofo germânico-americano, Hans Jonas sentiu, por isso, a necessidade de repensar profundamente o “princípio da responsabilidade”, no âmbito de uma nova situação histórica mundial e tendo em conta a sobrevivência ameaçada do género humano, bem como a nossa civilização tecnológica. Agir com base numa responsabilidade global pela atmosfera e pelas bio-, lito-, hidrosferas do nosso planeta! E isto implica – basta relembra as crises de recursos energéticos, a escassez de recursos naturais, a degradação do ambiente, o crescimento demográfico – uma autolimitação por parte dos seres humanos e da sua liberdade no presente, em prol da sua sobrevivência futura: por isso, reivindicamos uma ética de uma nova tipologia, preocupada com o futuro, o que é uma forma de sermos inteligentes e com um profundo respeito pela Natureza.

Seguramente que todos afirmamos que, os homens devem estar em total solidariedade, em coerência abrangente com um dos valores fundamentais que dão verdadeira dimensão à vida – o sentido do outro. No dizer de Mounier, só existimos quando existimos para os outros.

Ao procurarmos olhar o futuro, que esta janela de oportunidade nos concedeu, juntamo-nos à afirmação de Cesar Beccaria – já no século XVIII – “mais vale prevenir os delitos que puni-los. Este é o principal objectivo de qualquer legislação”<sup>13</sup>. Por que não assumirmos a necessidade de emprendermos uma ética despida de arrogância e prepotência, onde a nossa presença e o sentido do outro seja de convicção e de responsabilidade na partilha do êxito conjunto? Como diz o poeta António Machado, “Caminheiro, não há caminho. Faz o caminho caminhando”.

Respeitar as outras pessoas como se pretende ser respeitado, é a base ética de toda a vida.

---

<sup>13</sup> In Jornal Expresso, texto de Manuela Eanes, 2004.

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes Secundárias

ALVES, José Lopes. 1997. *Ética Militar – Aspectos de uma Teoria e da sua Realização*. Edição do Autor. Lisboa.

ANDRADE, Carlos Vidal de Campos. 1954. *Ética Militar*. Escola do Exército. Lisboa.

ARAÚLO, Maria e MARÍAS Julián. 1999. *Ética a Nicómaco*. Centro de Estudios Políticos e Constitucionales. Madrid.

BAQUER, Gen. Brig. Miguel Alonso. 1988. *La Moral Militar En Tiempo De Reforma*. Arzobispado Castrense Vol. 2. Madrid.

CUPERTINO, Joaquim Luís. 1985. *Deontologia Militar*. Serviços Gráficos da Academia. Lisboa.

DHERSE, Jean-Loup. *L'Éthique ou le Chaos?*. Dom Hugues MINGUET, Document société.

DUBOST, Michel. 1995. *Ministre de la paix*, Col. Foi Vivante nº 350. Cerf. Paris.

GOMES, D. António. 1999. Ferreira, *Homilias da Paz (1970-1978)*. Fundação SPES. Porto.

KANT, Immanuel. *A Paz Perpétua e Outros Opúsculos*. Textos Filosóficos. Edições 70. Porto.

KUNG, Hans. 1990. *Projecto para uma Ética Global*. Instituto Piaget. Divisão editorial. Lisboa.

LAMA, Dalai. 2000. *Ethics for the New Millennium*. Tradução Editorial Presença. Lisboa.

MARQUES, Ramiro. 2000. *Breve História da Ética Ocidental*. Edições Plátano. Lisboa.

MORILLON, Gen. Philippe. 1990. *Mon Credo*. Presses De La Renaissance. Paris.

PASCHOA, Maj. Armando. *Ética Militar*. Edições Arpa. Biblioteca da Academia Militar. Lisboa.

PEREZ, Rafael Gomez. 1987. *Problemas morales de la existência humana*. Magistério. 4ª Ed.. Madrid.

PLEUROUX-HUOT, Paul. 1999. *Maîtriser les Violences*. Cerf. Paris.

VALQUES, Sanchez. 1997. *Ética*. 17ª Edição. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro.

SINGER, Peter. 1994. *ETHICS*. Oxford Readers. Oxford University Press. London.

### **Outras Fontes**

DIAS, Cap. Rodríguez. 2000. *A batalha das grandes virtudes*. Escola Prática de Infantaria. Mafra.

RODRÍGUEZ, Cón. António dos Reis. 1963. *Apologia do Exército*. Academia Militar. Lisboa.

PINTASSILGO, Maria de Lurdes. 2004. *Ensaio: Inocência e Responsabilidade*. Visão 578. Lisboa.